

ensaio escolhido - 1º lugar

Pseudônimo: Manoel Lisboa

Borges: tempo, memória e hermenêutica na gênese de "Pierre Menard, autor do Quixote"

Nelson Ricardo Guedes dos Reis

Mestrando em Teoria da Literatura

Nosso principal objetivo neste ensaio é abrir mais uma possibilidade de discussão sobre esse controvertido conto de Borges — considerado por muitos críticos como um divisor de águas em sua obra. O corte que faremos em nossa análise propiciará uma reflexão sobre questões fundamentais para entendermos a obra de Borges, e, em uma dimensão mais ampla, a própria teoria literária; pois trata de assuntos relevantes ao estudo da literatura comparada, como por exemplo a hierarquia cronológica; o estudo das fontes; os conceitos de originalidade, autoria e anterioridade; a noção de memória — ligada à criação literária —; e, finalmente, a hermenêutica de Gadamer, inserida no interior da escola de teoria crítica conhecida como "estética da recepção".

Não é nossa pretensão chegar a conclusões definitivas ou positivistas sobre o assunto, mas sim adotar uma linha de raciocínio que nos permita pensar de forma produtiva alguns dos principais conceitos da teoria literária.

Jorge Luiz Borges em “Pierre Menard, autor do Quixote”, obrigou de uma certa forma que a crítica literária reconfigurasse seus conceitos de autoria, originalidade, fonte e influência, conseqüência de uma subversão por parte do autor da hierarquia cronológica (tópico que trataremos de forma detalhada mais à frente). Nesse conto de Borges vemos o narrador expor um projeto literário “ímpar” e “heróico”: escrever o Dom Quixote, não o de Cervantes, mas um outro Dom Quixote, coincidente palavra por palavra ao do autor espanhol. O responsável por esse projeto “não essencialmente difícil”, bastando para isso “ser imortal para realizá-lo”, é Pierre Menard, escritor amigo do narrador. Este se propõe a fazer uma retificação no catálogo das obras completas do autor — falecido, pelo que se pode entender no tom adotado pelo narrador, recentemente —, incluindo o seu projeto invisível e inconcluso. Segundo o narrador, a transcrição, ou melhor, o Dom Quixote coincidente ao de Cervantes, idealizado por Menard, não foi concluído. “(...) apenas os capítulos nove e trigésimo oitavo da primeira parte e um fragmento do capítulo vinte e dois foram encontrados”¹.

Uma das controvertidas questões criadas por esse conto e que vem gerando calorosos debates e inumeráveis artigos, ensaios e teses por parte dos acadêmicos ligados ao estudo da literatura, está ligada ao conceito de originalidade. A obra de Menard é original? Menard pode ser considerado — como indica o título do conto/ensaio de Borges — autor de Quixote? Tania Franco Carvalhal também se mostra interessada nessa questão: “Diante das considerações de Borges, o estudo clássico de fontes sofre grande abalo, já que nele a noção de autoria e de precedência eram os dados básicos de afirmação de originalidade”².

E são exatamente esses conceitos de fonte, autoria e hierarquia cronológica que são subvertidos, de forma consciente e premeditada por Borges em “Pierre Menard, autor do Quixote”. Em um trecho do conto o narrador realiza um cotejamento entre as duas obras, a de Cervantes e a de Manard. As passagens escolhidas são exatamente idênticas, ou como prefere o narrador, coincidentes. Contudo, ele as distingue: “O texto de Cervantes e o de

¹ BORGES, 1999. p. 51.

² CARVALHAL, 1999. p. 68.

Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico (mais ambíguo dirão seus detratores; mais a ambigüidade é uma riqueza)”³.

A pergunta que podemos formular para encetar a discussão sobre os conceitos subvertidos por Borges é a seguinte: se o texto da passagem analisada, assim como a totalidade dos capítulos nono, trigésimo oitavo e do fragmento do vigésimo segundo da obra de Menard são idênticos ao texto composto por Cervantes trezentos anos antes, o que torna a obra de Menard original e, segundo palavras do próprio narrador, mais ambígua, e, por isso, mais rica? A resposta, se é que existe uma, deve passar pela questão da recepção da obra por parte do leitor (o próprio Menard era um leitor de Cervantes). Sobre esse ponto, Tania Franco Carvalhal, em obra já citada, nos esclarece que Menard assume sim a autoria de Dom Quixote, mas não na concepção formal do texto — não é aí que devemos procurar sua originalidade: “(...) mas na interpretação que ele recebe quando as coordenadas de tempo e de espaço lhe alteram o sentido”⁴. Essa afirmação da autora nos indica que só podemos pensar a autoria do Dom Quixote por parte de Pierre Menard, pelo viés da recepção interpretativa, a partir do momento em que esta fornece um novo sentido ao texto.

No final da década de 60 surge na Alemanha — ligada à escola de Constanza — uma inovadora teoria crítica, hoje internacionalmente conhecida como “estética da recepção”. Jauss, Iser e outros teóricos ligados a essa academia, reconfiguraram as posições assumidas pelo autor e pelo leitor dentro das relações literárias, criando assim a figura do “leitor-criador”. O leitor passa de um nível inferior de submissão ao texto, para um nível de igualdade em relação ao autor; pois cabe àquele fornecer um sentido ao texto. Ao mesmo tempo em que o texto age sobre o leitor, este também exerce uma influência sobre o texto, lhe dando um significado retirado da pluralidade de interpretações possíveis, criando assim uma relação de tensão entre texto e leitor. Regina Zilberman, ao expor a visão de W. Iser sobre o assunto, nos diz:

Iser tem condições de confirmar um dos principais postulados da estética da recepção: a obra literária é comunicativa desde sua estrutura; logo, depende

³ BORGES, 1999. p. 55.

⁴ CARVALHAL, 1999. p. 68.

do leitor para a constituição de seu sentido. Este não corresponde a nenhum conteúdo universal, perece e imutável a ser extraído por um leitor competente; pelo contrário, pode mudar, se o público, a sociedade e a época forem outros⁵.

Pierre Menard, como nos conta o narrador, nunca pretendeu transcrever mecanicamente o original. Ele almejava sim, “(...) produzir algumas páginas que coincidissem — palavra por palavra e linha por linha — com as de Miguel de Cervantes”⁶. Para alcançar esse objetivo, Menard imaginou um método, logo descartado, que o permitiria ser Cervantes, bastando para isso aprender o espanhol arcaico, esquecer toda a história da Europa entre os anos de 1602 e 1918, e recuperar a fé católica. Porém, não era isso o que ele desejava. Menard objetivava escrever o Quixote, sendo Menard: o que seria mais “árduo”, mas não menos “interessante”.

É a teoria hermenêutica de Georg Gadamer — base para o desenvolvimento da estética da recepção — que nos permite começar a entender o projeto de Menard. A teoria de Gadamer “(...) distinguia entre o texto e o significado que ele ganha na consciência leitora”⁷. A obra de Menard, sendo a mesma na forma, em relação à obra de Cervantes, não o seria no conteúdo; pois esse receberia um novo sentido, produto de três séculos de “(...) rupturas imprevisíveis e definitivas, inclusive a própria ruptura que significou no século XVII o livro *Dom Quixote*”⁸. O projeto de Menard era escrever um Quixote que seria formalmente idêntico ao de Cervantes, mas original em sua concepção, porque escrito em outro contexto histórico. Sendo assim, a leitura do Quixote de Menard passa por outros caminhos interpretativos: “(...) compor o Quixote em princípios do século XVII era um empreendimento razoável, necessário, quem sabe fatal; em princípios do século XX, é quase impossível”⁹. Até mesmo o uso da língua por parte dos dois autores é um motivo de interpretações distintas em sua igualdade; pois Cervantes usa o espanhol de sua época e isso não causa nenhum estranhamento. Já Menard, usa um espanhol arcaico ao compor uma obra em pleno século XX.

⁵ ZILBERMAN, 1989. p. 64.

⁶ BORGES, 1999. p. 52.

⁷ CARVALHAL, 1999. p. 70.

⁸ SANTIAGO, 2000. p. 47.

⁹ BORGES, 1999. p. 54.

O Dom Quixote de Menard transgride o modelo “original” (mais à frente veremos que Borges ao subverter a hierarquia cronológica também subverte o conceito de originalidade), mas ao contrário de outros casos de “apropriação” de modelos (como Primo Basílio e Madame Bovary, temas do texto de Silviano Santiago: “Eça, autor de Madame Bovary”), a transgressão do Quixote de Menard não pode ser procurada na forma ou no alargamento dos temas tratados — como no caso estudado por Santiago —, mas sim nas interpretações que se faz do Quixote de Cervantes através do Quixote de Menard e vice versa. A partir desse ponto de nossa discussão, começamos a perceber que não podemos mais estipular a precedência de um Quixote em relação ao outro, e nem mesmo impor autores. A recepção interpretativa ganha destaque e relega a autoria a um segundo plano, valorizando, a partir de agora, as estruturas de apelo do texto em si — no caso dos dois Quixotes: idênticas — e a própria recepção. Para Zilberman: “(...) com efeito, as recepções estão condicionadas tanto a estrutura formal e temática do texto, quanto às disposições variadas do público”¹⁰.

As duas obras estão separadas por 300 anos, período que presenciou uma infinidade de transformações sociais, alterando radicalmente os “horizontes de expectativa” dos leitores distribuídos no tempo. Esse conceito criado por H.G. Gadamer e apropriado pelos membros da escola de Constanza, é essencial para não considerarmos absurda a empreitada de Pierre Menard. O contexto histórico, social e político determina a recepção que uma obra terá em seu tempo, através da configuração de um horizonte de expectativa criado para receber esta obra. No caso do Quixote de Menard, que possui um texto idêntico ao do Quixote de Cervantes, há por parte do leitor contemporâneo a necessidade de uma “fusão dos horizontes de expectativa”. Para Carvalhal:

A noção de fusão de horizontes, quando diz que o horizonte contemporâneo é resultante da fusão do horizonte da história com o do intérprete, ganha uma dupla configuração em literatura comparada. A equação hermenêutica passa a levar em conta o fato de que há uma nova fusão de horizontes, isto é, à do horizonte primeiro se acrescenta a do horizonte de uma cultura diferente daquela a que a obra pertencia¹¹.

¹⁰ ZILBERMAN, 1989. p. 46-47.

¹¹ CARVALHAL, 1999. p. 72.

Contudo, o conceito de “fusão de horizontes” em Borges ganha uma outra dimensão. A partir do momento que a hierarquia cronológica é subvertida, não existe mais um Quixote anterior ao outro. Sendo assim, não existe um horizonte “primeiro” ao qual se junta um horizonte contemporâneo. Essa relação vai depender do ponto em que o leitor se encontra: se ele parte do Quixote de Menard para chegar ao de Cervantes, ou se parte do Quixote de Cervantes para chegar ao de Menard. Em uma determinada passagem do conto o narrador nos diz:

(...) confessarei que costumo imaginar que a concluiu e que leio o Quixote — todo o Quixote — como se o tivesse pensado Menard? Noites atrás ao folhear o capítulo XXVI — nunca por ele esboçado —, reconheci o estilo de nosso amigo...¹²

Novamente nos vemos à volta com o grande paradoxo que permeia todo o conto: se o Quixote de Menard é idêntico na forma ao Quixote de Cervantes, e se esse é anterior ao de Menard, como o narrador pode dizer que reconheceu o estilo do amigo ao ler um trecho do capítulo XXVI do Quixote de Cervantes? A recepção interpretativa por si só não é suficiente para solucionar o problema proposto por Borges: a subversão do conceito de originalidade. Para isso temos de procurar entender a ruptura da hierarquia temporal proposta por Borges nesse e em outros textos de sua obra.

2

O ponto de partida para compreendermos a subversão da hierarquia cronológica que dá sustentação teórica e coerência ao projeto de Pierre Menard, é um pequeno ensaio escrito por Borges e publicado em 1952, no livro *Outras inquisições*, quase quinze anos após “Pierre Menard, autor do Quixote”. O ensaio em questão é “Kafka e seus precursores”. Neste texto, Borges elenca precursores de Kafka, autores que não mantêm entre si nenhuma relação direta, que nem sequer pertencem à mesma “família” literária, bastando que tenham alguma “afinidade” com a obra de Kafka. Comentando esse conto de Borges, Carvalhal nos diz: “Borges não adota critérios de gênero (...) Sem a obsessão de trecho paralelo e nem da fonte segura de

¹² BORGES, 1999. p. 53.

contato direto e comprovável, antes exigida, basta-lhe uma simples afinidade de forma, às vezes apenas um tom”¹³. Borges aponta Kierkegaard, Browning, Bloy, Zenon de Eléia, entre outros, como precursores de Kafka.. O autor argentino parte do princípio que é o texto de Kafka que deve ser tomado como referência para a leitura ou releitura dos textos anteriores, modificando assim as relações de dependência, filiação, originalidade e precursão. Um texto que é influenciado por um outro, anterior em sua concepção, pode, em um segundo momento, influenciar a leitura ou releitura do texto que o influenciou. T.S. Eliot em seu ensaio “Tradição e talento individual”, procura nos esclarecer esse fenômeno:

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dela fazemos, constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos (...) O que ocorre quando uma nova obra de arte aparece é, às vezes, o que ocorre simultaneamente com relação a todas as obras de arte que a precedem. Os monumentos existentes formam uma ordem ideal entre si, e esta só se modifica pelo aparecimento de uma nova obra entre eles. A ordem existente é completa antes que a nova obra apareça. Para que a ordem persista após a introdução da novidade, a totalidade da ordem existente deve ser, se jamais o foi sequer levemente, alterada: e desse modo as relações, proporções, valores de cada obra de arte rumo ao todo são reajustados¹⁴.

Essa passagem do texto de Eliot se aproxima da teoria benjaminiana. Para Walter Benjamin, o passado se atualiza pela visão do presente. O passado não é mais um ponto fixo em que o presente deve tentar se aproximar e compreender. A relação entre passado e presente se torna dialética, onde o passado é constantemente modificado, posto em movimento pelo presente. No caso específico da literatura: o texto contemporâneo determina a releitura de textos anteriores, subvertendo a ordem existente.

O conceito temporal é uma obsessão na obra Borgeana, vários de seus principais contos e ensaios tratam de forma direta ou indireta a questão do tempo. A busca pela compreensão do paradoxo criado em “Pierre Menard, autor do Quixote”, passa pelo entendimento do conceito de tempo em Borges. Para este, o tempo não é linear e hierarquicamente cronológico.

¹³ CARVALHAL, 1999. p. 64.

¹⁴ ELIOT, 1989. p. 39.

A noção de tempo em Borges deve ser buscada em um dos — segundo ele — precursores de Kafka: Zenon de Eléia.

Considerado um pré-socrático, Zenon de Eléia — ao contrário do que muitos pensam — não era grego, nasceu entre 464 e 461 a.C, em Eléia na Itália. Muitos acreditam ter sido Zenon o primeiro pensador a utilizar a dialética — não é por acaso que as poucas informações publicadas sobre esse pensador foram resgatadas e organizadas por Hegel. Uma leitura atenta deste filósofo nos mostra que Borges se deixou influenciar pela concepção temporal de Zenon, inclusive usando um de seus postulados — aquele que trata da impossibilidade do movimento — para construir a base teórica que sustenta e da coerência lógica ao conto “Pierre Menard...”. Borges se baseia na “impossibilidade do movimento”, para construir sua concepção de tempo não linear. O escritor argentino se apropria de três dos quatro argumentos utilizados por Zenon para mostrar a inexistência do movimento. No primeiro, o pré-socrático nos diz que um objeto deve percorrer a metade do caminho antes de chegar ao fim; sendo assim, o infinito não pode ser percorrido em um tempo finito, por conseguinte, é no tempo infinito e não no tempo finito que se pode percorrer o infinito (Menard, na carta que envia ao narrador diz: “Meu projeto não é essencialmente difícil, bastar-me-ia ser imortal para realizá-lo”¹⁵). O que nos lembra também outro conceito temporal de mais um admirador dos pré-socráticos: o eterno retorno de Nietzsche). O segundo argumento, não por coincidência, foi tratado pelo próprio Pierre Menard em sua obra *Lês Problèmes d’un Problème* (paris 1917): o paradoxo de Aquiles e a tartaruga, onde temos o tempo e o espaço como um conceito único. A tartaruga, mesmo sendo mais lenta, nunca seria alcançada por Aquiles, pois esse sendo o perseguidor nunca atingiria o ponto (temporal) em que o primeiro partiu. A tartaruga sempre terá uma vantagem temporal (tempo = espaço) em relação ao perseguidor que partiu depois. E, finalmente, o argumento mais esclarecedor para o nosso estudo: a flecha e o arqueiro. Neste paradoxo Zenon nega o movimento, argumentando que uma flecha atirada pelo arqueiro esteja sempre em repouso; pois o tempo é composto por instantes. Em cada um desses instantes o observador veria a flecha em repouso. O que nos dá a sensação de movimento da flecha é exatamente a evolução temporal. Em Borges não existe esta linearidade temporal, o tempo é uma sucessão de

¹⁵ BORGES, 1999. p. 53.

instantes, de pontos determinados e estanques. Em “Pierre Menard, autor do Quixote”, Cervantes não é anterior a Menard, pois não há uma sucessão temporal. Segundo Tania Carvalho: “(...) assim Borges desloca o ângulo de observação, reverte a cronologia e quebra com o sistema hierárquico que nela se apoiava. Ao fazê-lo, abala não só a noção de dívida como também permite que a interseção entre os textos seja entendida sob outro prisma”¹⁶.

Voltamos ao ponto de partida: quem é o autor original de Quixote? Depois de tudo o que discutimos até aqui, podemos concluir que, em Borges, como já dissemos anteriormente, o conceito de originalidade sofre uma reconfiguração, perdendo seu sentido de anterioridade e precedência autoral, a partir do momento que o tempo não é mais admitido como um fenômeno contínuo e linear.

Uma leitura atenta do conto de Borges nos faz concluir, precipitadamente — antes mesmo que o autor o faça no último parágrafo —, que este é uma metáfora da leitura. Se na leitura um texto ganha um novo significado na consciência do leitor, se transformando em uma nova obra, ao rescrever literalmente o que leu, o “autor-leitor” ou o “leitor-criador”, também constrói uma nova obra. No último parágrafo o narrador conclui: “Menard (talvez sem querê-lo) enriqueceu, mediante uma técnica nova, a arte fixa e rudimentar da leitura (grifo nosso): a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”¹⁷.

Silviano Santiago em seu ensaio “O entre lugar do discurso latino americano”, se lembra de Althusser para ilustrar o escritor devorador de livros, ou seja, a anterioridade do leitor ao escritor. O teórico Marxista nos diz que, ao ler Marx, estamos antes de mais nada diante de um leitor que lê em voz alta Quesnay, Smith, Ricardo, entre outros, transgredindo e buscando novas significações desses textos clássicos em sua consciência leitora. Tania Carvalho, em obra já citada, também aponta com bastante lucidez essa aproximação entre autor e leitor e entre leitura e escrita em “Pierre Menard...”:

¹⁶ CARVALHAL, 1999. p. 65.

¹⁷ Ibidem. p. 57.

Além disso, todo o conto pode ser compreendido como metáfora do próprio ato de ler, enquanto processo produtivo de novos significados (...) Torna-se assim, uma espécie de co-autor, se entendermos a leitura também como forma de reescrita interminável (...) O conto de Borges enfatiza, como se viu, a figura do leitor-criador e sua atuação no processo de criação literária¹⁸.

Concordamos plenamente com a autora quando esta diz que: “Devemos entender a leitura também como uma forma de reescrita” e o “(...) ato de ler enquanto processo produtivo de novos significados”. O que vem a corroborar nossa argumentação. Contudo, não concordamos quando Tania Carvalho usa a expressão “co-autor” para classificar a ligação de Pierre Menard com o Quixote. Na nossa opinião, a idéia original e a original idéia de Borges, é fazer de Menard, autor do Quixote; assim como Cervantes. O que vai determinar a autoria nesse caso, é o ponto de observação e o caminho pelo qual o leitor segue para manter contato com a obra. Como já foi dito anteriormente: a recepção interpretativa e a subversão da hierarquia cronológica determinam a compreensão do projeto de Pierre Menard: seu Dom Quixote como obra “invisível”.

Também não concordamos quando Silvano Santiago diz em ensaio já citado, que “Os poucos capítulos que Menard escreve, são invisíveis, porque o modelo e a cópia são idênticos”¹⁹. Voltamos a afirmar que dentro da concepção temporal desenvolvida por Borges, não existe modelo e cópia. A não linearidade temporal e a crença no eterno retorno faz com que a concretização do projeto de Menard — escrever o Dom Quixote, não outro Quixote, mas o Quixote — seja apenas uma questão de tempo, “bastando para isso ser imortal”, pois “todo homem deve ser capaz de todas as idéias”.

Contudo, tanto a afirmação do narrador no último parágrafo — ao dizer que Menard enriqueceu a arte rudimentar da leitura —, quanto a conclusão de Tania Carvalho — de que o conto é uma metáfora da leitura —, são aparentemente contraditórias em relação a essência do projeto de Menard. Este realmente chegou a ler o Quixote de Cervantes; mas sem dúvida a escritura de seu Quixote não é dependente da memória dessa leitura; como o próprio personagem nos diz:

¹⁸ CARVALHAL, 1999. p. 68-69.

¹⁹ SANTIAGO, 2000. p. 24.

Aos doze ou treze anos o li, talvez integralmente, depois reli com atenção alguns capítulos, aqueles que não tentarei por ora (...) minha lembrança geral do Quixote, simplificada pelo esquecimento e pela indiferença, pode muito bem equivaler a imprecisa imagem anterior de um livro não escrito²⁰.

Essas palavras de Menard confirmam que o seu projeto não está ancorado em sua lembrança do texto de Cervantes; por isso, não podemos afirmar ser o conto uma metáfora do ato de ler. O problema se instaura exatamente no último parágrafo, quando o narrador afirma que Menard enriqueceu através de uma nova técnica “a arte fixa e rudimentar da leitura”. A técnica citada é sem dúvida a de “reconstruir literalmente” a obra espontânea de Quixote através de duas leis polares: “A primeira permite-me ensaiar variantes de tipo formal ou psicológico; a segunda obriga-me a sacrificá-la ao texto original”²¹.

Mas ao falar de leitura, o narrador estaria se referindo a leitura feita por Menard do Quixote de Cervantes, ou a leitura que se fará de Quixote a partir de Menard?

4

Uma outra possibilidade de análise desse conto de Borges, é aquela que se ancora na capacidade mnemônica de Menard. Porém, como já dissemos e tentamos comprovar no final do item anterior, esse corte analítico não se coaduna ao seu projeto de reescrita, ou melhor dizendo, de escrita do Quixote, e à concepção de tempo não linear de Borges. Contudo, nos sentimos na obrigação de expor esse outro viés teórico-interpretativo do paradoxo encetado pelo autor no conto “Pierre Menard, autor do Quixote”. Esse viés analítico considera que Menard não usa na concepção de sua obra a recordação pessoal, vinculada à uma vivência da realidade que lhe cerca; mas sim uma memória impessoal, vinculada à vivência da realidade que cerca o autor da obra “original”, ou seja, Cervantes. Silviano Santiago, em seu ensaio “Eça, autor de Madame Bovary”, ao tratar da literatura brasileira e portuguesa do século XIX, que segundo ele valorizava não a concepção de “modelos” originais, mas sim a transgressão desses “modelos” — quase sempre europeus —, nos esclarece:

²⁰ BORGES, 1999. p. 53-54.

²¹ *Ibidem*. p. 54.

Erigida a partir de um compromisso com o já dito, para usar de uma expressão recentemente empregada por Michel Foucault ao analisar o romance *Bouvard et Pécuchet* de Flaubert, a obra segunda guarda pouco contato com a realidade imediata que rodeia seu autor, impondo-se antes uma revisão da propriedade com que utiliza um texto já no domínio público e sobretudo a tática que inventa para agredir o original, abalando os alicerces que o propunham como elemento único e de reprodução impossível (...). O imaginário do escritor é alimentado não tanto a partir de uma manipulação vivencial da realidade imediata, mas se propõe quase como metalinguagem²².

Menard transforma uma memória impessoal — aquela que está ligada à realidade vivenciada por Cervantes —, em uma recordação pessoal, se apropriando da obra do autor espanhol. Levando assim ao extremo a situação proposta por Piglia, em “*Memoria y Tradición*”, onde fragmentos de outras obras já lidas retornam como recordações pessoais: “Una memoria impessoal, hecha de citas, donde se hablan todas las lenguas. Los fragmentos y los tonos de otras escrituras vuelven como recuerdos personales. Con mas nitidez, a veces, que los recuerdos vividos”²³.

Segundo esse viés analítico, Pierre Menard seria dotado de uma capacidade mnemônica digna de outro personagem Borgeano: Funes, o memorioso. Lembremo-nos de uma passagem do conto, onde o narrador nos diz que o projeto inicial de Menard era ser Cervantes, mas que o descarta por considerá-lo demasiado fácil:

Ser, de alguma maneira, Cervantes, e chegar ao Quixote pareceu-lhe menos árduo — por conseguinte menos interessante — que continuar sendo Pierre Menard e chegar ao Quixote mediante as experiências de Pierre Menard²⁴.

Baseados nesta passagem do conto e em outras (como por exemplo aquela onde o narrador nos diz que o projeto de Menard não era copiar o Quixote, mas “produzir algumas páginas que coincidissem — palavra por palavra e linha por linha — com as de Miguel de Cervantes”²⁵), acreditamos que Menard não faz uso de uma excepcional capacidade mnemônica para transformar em recordação pessoal uma memória impessoal — no caso, a de

²² SANTIAGO, 2000. p. 57.

²³ PIGLIA, 1991. p. 60.

²⁴ BORGES, 1999. p. 52.

²⁵ Idem.

Cervantes. Menard procura fazer uso sim, da lembrança do Quixote de Cervantes, mas uma lembrança geral, “simplificada pelo esquecimento e pela diferença”; para dessa forma construir uma obra nova e original, amparada pela “imagem imprecisa de um livro não escrito”. Ou seja, resgatando novamente Piglia, quando este diz que as relações de propriedade estão excluídas da linguagem, pois podemos usar todas as palavras como se fossem nossas: “todo es de todos, la palabra es colectiva y es anónima”²⁶.

Inferimos assim que: se considerarmos a concepção temporal de Borges, se dermos prioridade à recepção interpretativa em relação à questão formal, e, finalmente, se nos permitirmos um alto grau de abstração e credulidade na análise de uma situação teórica (o abalo das noções de originalidade, fonte, hierarquia cronológica, anterioridade e autoria) levada ao extremo (de forma maquiavelicamente premeditada pelo autor, objetivando criar um sem número de desdobramentos possíveis para as discussões encetadas), podemos sim, considerar Pierre Menard como autor do Quixote.

Como já dissemos, o conto de Borges é extremamente rico para análises e divagações teóricas e filosóficas; mas não podemos perder de vista a questão da coerência lógica. “Pierre Menard, autor do Quixote”, é um texto ficcional, que esboça uma situação extrema de apropriação literária; por isso mesmo se presta tão bem como produto de análise que é separado do meio e colocado em condição de *Ceteris Paribus*²⁷. Porém, não podemos esquecer de sua condição de ficção. Na realidade do mundo literário, os Pierre Menard são bem mais sutis.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. 8.ed. São Paulo: Globo, 1999.

_____. *Outras inquisições*. 8.ed. São Paulo, 1999.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote De La Mancha*. São Paulo: José Olympio, 1952, 5 v.

²⁶ PIGLIA, 1991. p. 60.

²⁷ Expressão latina que significa: “E tudo o mais permanece constante”

ELÉIA, Zenon de. *Os Pré-Socráticos – Vida e Obra*. São Paulo: Nova cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

ELIOT, T.S. *Ensaio*. São Paulo: Art, 1989.

PIGLIA, Ricardo. "Memoria y tradicion". *Anais do segundo congresso Abralic*. Belo Horizonte: UFMG, 1991. V.1.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.